

Saberes da natureza: a ressignificação do alimento a partir de performances ecológicas

Júlia Cardoni⁸

Resumo: A alimentação caracterizada como agroecológica, orgânica, macrobiótica, biodinâmica entre tantas outras modalidades sugerem uma reflexão interessante; a comida é adjetivada e atribuída de sentidos nutricionais, tanto fisiológicas como espirituais. A partir de uma etnografia em uma feira agroecológica na cidade de Porto Alegre, identificou-se um envolvimento denso do público com a alimentação a partir de diferentes imaginários de natureza. O trabalho de campo proporcionou vivências em festividades nas propriedades de feirantes que uniam produtores e consumidores e que abrem espaço para reflexões sobre ritualizações ecológicas e sobre a sacralização da natureza a partir da noção de um “alimento para alma”. Nesse sentido, traça-se um debate sobre concepções de pureza e impureza a partir de uma modalidade de consumo atribuída de sentidos morais, políticos, afetivos e nutricionais que se manifestam em oposição à artificialidade referida ao agronegócio. Em última instância, trata de um consumo que dicotomiza dois mundos, o “mundo da natureza”, como repulsa a concepção de um “mundo tóxico”.

“Com o amor que eu recebo na feira eu volto pra casa e planto, se o cliente está insatisfeito isso fica em algum lugar da banca, no caule da alface quebrada ou no pêssego manchado”. Ouvi essa frase de Juarez, produtor de arroz biodinâmico⁹ da região da Barra do Ribeiro – RS em um contexto em que feirantes se reuniram para discutir os preços da feira. Entre explicações sobre os custos da produção e comparações com os preços de supermercados, Juarez pediu a palavra para tal pronunciamento que calou a discussão naquela ocasião.

Essa frase ficou perambulando por meus pensamentos nos dias que se passaram. Havia algo nela que em um primeiro momento não conseguia acessar, mas que indicava uma curiosa relação entre o preço, o alimento, o comportamento do consumidor e relações afetivas. Nos dias subsequentes

⁸ Mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ A Agricultura biodinâmica consiste em uma forma de manejo do solo baseada no uso de sete preparados, grosso modo, trata de um cultivo espiritualizado que não depende apenas de substâncias físicas mas também de um domínio conceitual esotérico.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

seguí intrigada com tal pronunciamento pois a frase parecia deslocar a ênfase da discussão quanto ao preço - debate que era central para os interesses de pesquisa até aquele momento - para uma reflexão mais ampla do que a agroecologia significava e o que ela mobilizava no contexto de feira.

Durante o processo de escrita deste trabalho, pude presenciar uma conferência em Buenos Aires com Philippe Descola (2016) que ao final de uma longa fala resumiu sua exposição dizendo: “é preciso dar atenção para o que escutamos em campo”. O episódio de Juarez voltou a ocupar os pensamentos. A frase de Juarez revelava um entendimento cosmológico da agroecologia. Sugeriu que a relação e os vínculos da feira nutriam o solo e que uma energia negativa é capaz de danificar o alimento, mas não dizia isso em sentido metafórico, como eu havia entendido a princípio. A agroecologia e principalmente a Antroposofia¹⁰, da qual Juarez é adepto, através do cultivo biodinâmico do solo, reconhece forças de campos energéticos não-físicos e não-materiais capazes de agir sobre os seres. A percepção do universo, através do pensamento antroposófico, é constituído por matéria e energia físicas, mas também composto por uma “substância” espiritual não física, não é o espírito que atua sobre a matéria, mas é ela própria constituída pela consolidação de tal “substância”.

Esse entendimento cosmológico manifestado na frase de Juarez só foi compreendido, em seu sentido literal, ao final da experiência de campo. O trabalho até então estaria delimitado ao comportamento de produtores e consumidores na atribuição de valor simbólico e de mercado aos alimentos sem acessar as complexas sensibilidades que entram em cena na conformação de um mercado agroecológico. O trabalho etnográfico teve que se expandir na medida em que alguns dos meus interlocutores demonstravam habitar o mundo das palavras que enunciavam. Foi ao sair da feira e se deslocar para as propriedades agroecológicas em que as relações entre consumidores e produtores se tornaram mais nítidas e os sentidos dados aos alimentos sugeriram percepções complexas sobre a natureza e sobre si mesmos em fusão.

¹⁰ A Antroposofia é um método de conhecimento que se desenvolve em diferentes áreas, a mais famosa se manifesta através da pedagogia Waldorf aplicada em escolas em diferentes partes do mundo. Foi introduzida pela austríaco Rudolf Steiner no século XX. As informações relacionadas a Antroposofia que apresento no texto se relacionam as conversas realizadas no trabalho de campo e por buscas bibliográficas indicadas pelos interlocutores. Maiores informações podem ser encontradas nos trabalhos de Steiner ou na página da Sociedade Antroposófica Brasileira (<http://www.sab.org.br/antrop/>)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Aquele tomate, do qual se discutia o preço em assembleia, se mostrou emaranhado em um conjunto de significados que até então não me havia sido compartilhado. O alimento demonstrou estar envolto em uma espiritualidade reportada por um grupo seleta de consumidores e produtores, mas que apesar de seleta, ampliaram a discussão agroecológica para as formas com que nos relacionamos com os alimentos, com a natureza e as maneiras de fazer mercado nutridos dessas percepções.

O episódio da frase de Juarez revelou a complexidade que a etnografia em uma feira agroecológica abarcaria, pois já de início explicitou relações singulares com a natureza a partir de uma modo específico de imaginá-la e, ao mesmo tempo, transportou tais concepções de natureza para as diretrizes daquele mercado e atribuiu sentidos para os produtos em circulação comercial.

A conexão com a antroposofia, entre outras formas holísticas de enxergar o mundo, é dada por uma minoria de consumidores e produtores no contexto da feira cujo o trabalho se desenvolve. Encontram-se variadas motivações para produção e consumo, mas foi justamente o entendimento cosmológico e espiritual manifestado em algumas práticas e discursos no âmbito da feira agroecológica que abriu espaço para um debate sobre os imaginários de natureza, as formas de consumo e as maneiras de fazer e ser envolvido pelo mercado. De certa maneira, a frase de Juarez instigou uma reflexão sobre a diversidade de naturezas possíveis e que se manifestam em formas de engajamento político, moral e econômico.

A partir desse episódio e no acompanhamento de outros discursos e experiências junto a FAE, foi possível identificar que, apesar de amplo e heterogêneo, havia uma espécie de horizonte agroecológico compartilhado que valorizava um repertório semelhante. E os discursos e percepções sobre a natureza não eram meras elucubrações, mas parte ativa do mercado. A FAE se mostrou uma engenhosa configuração em que negociações diversas se modulavam. O envolvimento etnográfico encaminhava o olhar para certos significados agenciados que não apenas construía a feira como também seus participantes, orientando produtores e consumidores na significação de suas práticas.

* * *

Neste breve texto, pretendo discutir a percepção de um grupo de consumidores sobre a condição de um “alimento para alma”, associando-o a concepção de possuidor de um “algo a mais” quando comparado aos alimentos provenientes da agricultura convencional. A intenção é analisar, a partir de episódios etnográficos, processos de construção deste “algo a mais” admitido ao alimento



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

agroecológico. Trata-se de vivências ecológicas e do compartilhamento de sabedorias da natureza a partir da figura de “mestres” ecologistas que, em performances bem construídas, ativam propriedades simbólicas nos alimentos e envolvem consumidores em uma natureza potente afastando-os de outra, tida como “tóxica” e “artificial”.

O estudo etnográfico se realizou nos anos de 2015 e 2016 junto a Feira de Agricultores Ecologistas, a chamada FAE, realizada aos sábados pela manhã na cidade de Porto Alegre a mais de 27 anos. Trata de uma feira pioneira e com importante histórico de militância ambientalista no país idealizada pela antiga cooperativa Coolmeia¹¹. Hoje, com o dobro do tamanho de seu início, a feira é palco para múltiplas motivações de consumo.

Sabe-se, através de uma variedade de pesquisas¹² (GUIVANT, 2003; PORTILHO, 2008) sobre consumo “orgânico”, “agroecológico” ou apenas “ecológico”¹³, que a modalidade de consumo em questão é atribuída de preocupações socioambientais e de saúde. A FAE, por constituir-se por um mercado de relações diretas, “face a face”, de produtor para consumidor, envolve, também, pautas políticas ligadas ao incentivo à agricultura familiar e à economia solidária, permeando diferenças significativas da mesma modalidade de consumo em outros circuitos de comercialização, como em supermercados e lojas especializadas, questões bem trabalhadas por Guivant (2003) ao descrever o estilo de consumidor “ego-trip” em contraste com a perspectiva do “ecológico-trip”, com base em Guillon & Williquet (2003).

¹¹ A Coolmeia foi uma cooperativa fundada em 1989 por iniciativa de um grupo de agroecologistas e consumidores que buscavam novas formas de consumir e habitar a cidade. Em 2004 a cooperativa fechou mas a feira seguiu ocorrendo sob a organização da Associação Agroecológica.

¹² As pesquisas entorno desta modalidade de consumo têm demonstrado expressivo crescimento em diferentes áreas acadêmicas na última década, cito as autoras Guivant (2003) e Portilho (2008) pela pertinência dos trabalhos e como ponto de partida na temática.

¹³ O uso das categorias “orgânico”, “agroecológico” ou apenas “ecológica” pertence a um debate mais amplo que foge do escopo deste texto, mas, é importante considerar que tais modalidades de agriculturas surgem como “alternativa”/“ecológica” e contempla uma variedade de técnicas singulares coincidindo na não utilização de agroquímicos. Nas experiências de campo, o termo “agroecológico” fazia referencia a um modo de vida sustentável em sua amplitude, diferenciando-se de um produto “orgânico” que não necessariamente contemplava preocupações socioambientais, definindo-se por ser um alimento “limpo”, produzido sem uso de agroquímicos.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A questão, no presente trabalho, não é propriamente delinear as peculiaridades das motivações de consumo da ampla variedade de consumidores desse segmento alimentício, mas pontuar as formas de envolvimento agenciadas pela FAE e por produtores ecologistas, que dominam conhecimentos e repertórios ecológicos que operam na dicotomização de naturezas. Trata do agenciamento (CALLON, 2013) de uma natureza que demonstra eficácia no envolvimento dos participantes, situando a ênfase nas formas com que o mercado agroecológico suscita percepções de natureza, assim como as categorização de “purezas” e “impurezas” (DOUGLAS, 1996).

As experiências junto ao mercado de feira revelaram um repertório ecológico compartilhado que se manifesta em diferentes instâncias. Observou-se uma estética valorizada, relacionada ao rústico e ao “natural”, a publicização de discursos ligados a concepção de uma natureza sacralizada e a instauração de relações de intimidade (ZELIZER, 2005) entre consumidores e produtores como o alicerce da feira, baseada na mútua relação de cuidado e confiança, que se estende para as relações entre a natureza, assim como com os produtos comercializados.

Nos caminhos percorridos tornou-se fundamental traçar algumas reflexões a partir do tipo de mercadoria que é comercializada e os sentidos atribuídos a ela. O alimento agroecológico, revelou-se como dotado de uma biografia (KOPYTOFF, 2000) própria que condiz com a trajetória da família produtora e que aguça uma espécie de “paladar ecológico”. Ao mesmo tempo, por constituir-se por um mercado baseado em narrativas, seja a dos alimentos, a das famílias ou da própria feira, se fez essencial compreender as formas de socialidade que esse mercado promove, ao conformar uma comunidade atenta a determinadas práticas de produção e consumo, da qual a perspectiva de uma economia de singularidades (KARPIK, 2007) colabora, pela constante articulação de símbolos que categorizam o padrão agroecológico.

A FAE, dessa maneira, compõe-se por um *assemblage* de agenciamentos mercadológicos (CALLON, 2013) diversos que mobiliza relações afetivas, apreços estéticos, perspectivas políticas e morais para além das transações econômicas. A natureza imaginada e compartilhada pela FAE é acessada através de experiências de envolvimento, seja no cotidiano de feira ou em eventos nas propriedades agroecológicas protagonizadas por feirantes.

O trabalho etnográfico tem ênfase em três locais de análise que identificam agenciamentos predominantes que conduzem a experiência de consumo, são eles: do cotidiano de feira; das reuniões da chamada Comissão de Feira, que reúne consumidores e produtores como um núcleo administrativo



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

do mercado; e das vivências nas propriedades agroecológicas, em festejos relacionados a colheitas e plantios organizados por famílias feirantes. Cada uma dessas imersões despontam modalidades de agenciamento que possuem eficácia no envolvimento de participantes e que revelam uma concepção agroecológica que se deseja explicitar. As esferas de observação tem como eixo o agenciamento de uma natureza semelhante, imbuída de atributos de pureza (DOUGLAS, 1996), de uma certa magia e sabedoria.

No horizonte, a disposição de 44 bancas posicionadas em um canteiro, no percurso linear que a conforma, não há padronização estética, compõe-se uma paisagem colorida e aromática pela diversificação de produtos comercializados: frutas, verduras, grãos e hortaliças. Em meio ao fluxo intenso de consumidores, situada no centro da feira, encontra-se a “Banca do Meio”, espaço destinado a “comunicação”¹⁴ do mercado com seus consumidores que opera como uma banca de conscientização e sensibilização ecológica. Deste lugar central, promove-se eventos que aguçam o “paladar ecológico”, o espaço promove oficinas, debates e apresentações artísticas configurando-se como um palco para variadas performances ecológicas em que um repertório coerente é apresentado. Conforma-se um mercado tramado pelas relações entre produtores, consumidores, alimentos e, essencialmente, por discursos e narrativas.

A exaltação da natureza agroecológica no circuito de feira opera pela distinção ao mercado convencional, referido como aquele “sem vida”, pautado no lucro e “envenenado”¹⁵. A dicotomização se apresenta nos termos de Mary Douglas (1991) e a célebre análise da autora vai ao encontro dos pressupostos compreendidos no mercado agroecológico, pois, assim como postula Douglas (1991), são as categorias “puro” e “impuro”/“contaminado” que ordenam o espaço da feira. As sensibilidades ecológicas são manifestadas em aversão ao mercado convencional, que nesse contexto se dá pela

¹⁴ Termo utilizado pela Comissão de Feira (núcleo representativo de produtores e consumidores) para designar as práticas de conscientização ecológica organizadas através de eventos em que são feitos discursos, oficinas e apresentações artísticas.

¹⁵ Cabe destacar que o termo êmico “envenenado”, “contaminado” ou “tóxico” é trazido no contexto etnográfico não apenas para referir-se aos produtos com uso de agroquímicos mas também para definir tipos de relação mercadológicas pautadas na dependência econômica, assim como relações pautadas meramente pelo lucro. Ou seja, as relações podem ser tóxicas na medida em que priorizam o lucro a cima de todas as coisas (no capítulo IV encontra-se relatos sobre o uso dos termos).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

oposição “natural” versus “artificial”.

A valorização estética da feira e os elementos discursivo reproduzidos em circunstâncias representativas, posiciona o mercado da FAE a partir de uma concepção de pureza que pretende se distanciar de um mercado dito convencional, categorizado como “contaminado”. O termo “contaminação” não é apenas empregado aos produtos com agroquímicos mas também se refere a relação alienante de mercados convencionais e a “tóxica” dependência econômica em grandes circuitos de comercialização. A ambientação do espaço, os discursos e os eventos da feira constroem um circuito de mercado que caminha para o lado oposto da artificialização. Ao mesmo tempo que cria um mercado, idealiza um tipo de sociedade pautada nas mesmas diretrizes. O quadro a baixo sistematiza as categorias¹⁶ discursivas encontradas em campo que operacionalizam a dicotomização:

	Puro	Contaminado	
	Natural	Artificial	
	Orgânico	Transgênico	
	Vivo	Sem vida	
	Fértil	Estéril	
Feira	Energia	Sem energia	Mercados
Agroecológica	Força	Fraco	Convencionais
	Conexão	Alienação	
	Fresco	Deteriorado	
	Local	Global	
	Autonomia	Dependência	

(Imagem: da autora, categorias de distinção)

A organização das categorias êmicas supracitadas são acionadas em distintas circunstâncias em que se pretende agenciar uma natureza específica, tornando-a factível através da criação de uma relação antagonica. O antagonismo ganha ainda mais potencia nas circunstâncias em que os alimentos

¹⁶ O trabalho etnográfico realizado nos anos de 2015 e 2016 acompanhou variadas reuniões, assembleias de feirantes, acampamentos de “encontros com a natureza” em que as práticas e discursos foram observadas na manifestação de um ideário ecológico, consolidado as principais categorias discursivas mencionadas nessas circunstâncias ao longo do trabalho etnográfico.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

são imbuídos por relações afetivas. Ao longo do trabalho de campo, a manutenção dos vínculos de feira forma observados em circunstâncias festivas em que consumidores foram convidados para encontros nas propriedades agroecológicas para festividades de colheita e plantio. Configurando “encontros de consagração” em que o alimento é resignificado através do vínculo afetivo entre consumidores, produtores e terra, e que, em última instância, potencializa a imaginação de outras naturezas.

A aproximação com a concepção agroecológica e as diversas formas de imaginar a natureza despertaram a necessidade de refletir sobre o envolvimento denso e as sensibilidades que se aguçam nas circunstâncias vivenciadas. Nesse sentido me parece apropriado lembrar o trabalho de Fravet-Saada (2005) sobre a feitiçaria no Bocage francês, pois tornou-se necessário explorar sensibilidades para além das barreiras da observação e até mesmo da observação-participante. Foi preciso deixar-se afetar pelos sentidos atribuídos a natureza nas vivências ecológicas para que o entendimento daquele encontro fosse compartilhado. Como afirma Fravet-Saada (2005), fez-se necessário “fazer da participação um instrumento de conhecimento” (p.157).

O envolvimento que estabeleci em campo e com os saberes da agroecologia me fez associá-lo ao da autora com a feitiçaria quando afirma: “[...] não pude fazer outra coisa a não ser aceitar deixar-me afetar pela feitiçaria, e adotei um dispositivo metodológico tal que me permitisse elaborar um certo saber posteriormente. (p.155)” Neste trabalho, uma espécie de “afetação ecológica” foi acionada para que desse conta de imergir na natureza exaltada nos discursos, imbuída de certa magia, de sabedoria, de poderes curativos e concepções sacras.

Saada propõe uma metodologia que não se enquadra como observação-participante e nem com empatia, mas como uma maneira sensível de acessar a experiência vivida no coletivo. Deixar-me afetar pelas emoções dos festejos nas propriedades e pelos saberes da agroecologia foi a forma de dar valor ao conhecimento e os ensinamentos do campo e que resulta no acesso a concepções de mundo e entendimentos sobre natureza que não seriam possíveis de outra forma. Ao fim e ao cabo, trata-se de uma maneira de levar a sério a relação com a terra que se estabelece nas propriedade agroecológicas e entender os eventos como a possibilidade de expressar uma cosmologia, pautada em um entendimento singular de natureza.

A autora relata que deixou-se afetar pela feitiçaria sem procurar pesquisar ou reter imediatamente, essa mesma estratégia tornou-se fundamental no processo de campo. Momentos em

que se dispensa a máquina fotográfica, o gravador e o bloco de notas para estar presente no momento vivido. Se afetar com a agroecologia, evidentemente diferente de ser enfeitada¹⁷ no Bocage francês, significa perceber-se como parte do cosmos descrito pelos participantes dos encontros, emocionar-se com as prosas sobre naturezas e estabelecer vínculos, nunca antes possível, entre corpo e terra. Transparecer tal disposição abriu uma forma específica de comunicação com os interlocutores do campo, de maneira espontânea e inclusiva, sem formatos formais ou cordialidades. Retomando Saada, “se o projeto de conhecimento não se perde em uma aventura, então uma etnografia é possível”(p.160)

O reconhecimento de um alimento enquanto um “alimento para alma”, se mostrou, ao longo das atividades de campo, um trabalho coletivo de significação. Descrevo, de forma breve, as interações de um agricultor ecologista com seus consumidores em circunstância de um acampamento que festejava a colheita de arroz. O episódio revela uma performance ecológica peculiar que envolve consumidores em uma vivência de encontro com “uma natureza” mediada pelos saberes do agroecologista anfitrião.

O agricultor ecologista e a sua magia

Se a invenção é mesmo o aspecto mais crucial de nosso entendimento de outras culturas, isso deve ter uma importância central no modo como todas as culturas operam. Em outras palavras, se reconhecemos a criatividade do antropólogo na construção de sua compreensão de uma cultura, certamente não podemos negar a essa cultura e a seus membros o mesmo tipo de criatividade. (WAGNER, Roy. p. 107, 2009)

¹⁷ O trabalho de Fravet-Saada (1990) descreve a maneira com que a antropóloga foi envolvida no trabalho de campo, a partir da acusação de enfeitamento, circunstância crucial para o desenvolvimento do estudo e das condições epistemológicas de sua produção.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



(Imagem: Festa da Colheita de Juliano Moller Rodrigues, 2015)

O acampamento iniciou no sábado às 18h, já era escuro e chovia fraco, não nos encontrávamos na melhor situação para montar um acampamento. A barraca era frágil e rapidamente encharcou-se com a chuva mantendo a parte interna úmida. Pouco importava o desconforto frente aos acontecimentos que estavam por vir.

Ao chegarmos nas terras de Juarez, localizada em Mariana Pimentel – RS a aproximadamente 80 quilômetros de Porto Alegre, fomos recebidos por ele e sua companheira em um galpão onde encontrava-se a camionete da família, fomos recebidos com abraços e com as orientações do acampamento. Imediatamente iniciamos a carregar a caçamba da camionete com baldes, pratos e panelas e nos encaminhamos para um terreno próximo à lavoura. O terreno destinado para a montagem do acampamento era composto por um outro galpão com apenas um fogão à lenha coberto por um telhado de madeira e telhas.

Foi ao redor desse espaço que montamos as barracas. Éramos poucos para demanda de trabalho naquele momento, além da minha presença e de um companheiro, estavam ali outros dois jovens casais. Na sequência foram chegando mais participantes do encontro, mas que na escuridão do campo mal se reconheciam. Havia um pequeno trator protegido no galpão que foi empurrado de um lado para o outro do terreno liberando-o para uso, eu e outras mulheres carregávamos os itens da camionete de Juarez até o fogão à lenha. Enquanto isso, alguns homens armaram uma grande fogueira



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

e passada a movimentação da montagem do acampamento, os participantes cumprimentaram-se e deram início a Festa da Colheita.

A Festa da Colheita havia sido organizada por Laura, funcionária da Associação Agroecológica e amiga de Juarez, antigo produtor de arroz agroecológico e biodinâmico¹⁸ da região. Como eu já estava participando como pesquisadora das reuniões da Comissão de Feira, mesmo que recém chegada, pedi para participar da Festa da Colheita e fui recebida com prontidão. A Festa é um evento anual que Laura e Juarez têm organizado para agradecer a rede que faz possível o arroz colhido. Os convidados eram consumidores antigos e “fiéis” da Feira e de Juarez além de outros amigos agricultores da região.

Quando perguntei à Laura se eu poderia participar da Colheita, me respondeu afirmativamente e com entusiasmo e disse que estava organizando um sistema de caronas solidárias para os que tivessem interesse em sair de Porto Alegre com destino à lavoura. Dessa forma ofereci dois lugares no carro e recebi a companhia de um jovem casal de consumidores que afirmavam estar indo à colheita por apreciarem a experiência junto a terra e ao processo de produção do alimento.

Naquela noite mal se podia enxergar quem estava presente, mas o sentimento de solidariedade e generosidade entre os participantes fornecia as condições para um clima de aconchego e familiaridade, apenas ao redor da fogueira, entre músicas puxadas por gaita e violão, dançava-se e cozinhava-se um caldo com legumes que fora trazido por cada participante em uma grande panela. No decorrer da noite, convidados foram chegando ao local do acampamento, totalizando aproximadamente 20 pessoas, em sua maioria casais de meia idade que se identificavam como consumidores do arroz de Juarez.

O cenário daquela noite era composto pelo grupo que pouco se conhecia entre si mas que tinha como referência a figura de Juarez, que cumpria o papel de anfitrião. Todos se reuniram em volta de uma grande fogueira. Um agricultor da propriedade vizinha levou uma gaita e juntou-se a um jovem funcionário da Emater – RS¹⁹ e amigo de Juarez que havia levado um violão, a partir dessa junção a

¹⁸ Grosso modo, a Biodinâmica é uma forma de agricultura que utiliza sete preparados para o manejo do solo. Trata de uma filosofia pautada na harmonia da natureza dos pressupostos Antroposóficos de Rudolf Steiner.

¹⁹ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater – RS)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

noite foi embalada por músicas e danças de roda protagonizadas por Juarez. O calor da fogueira aquecia os participantes que cantavam juntos músicas do tradicionalismo sul rio-grandense entre outras com temas ligados a natureza. Criou-se um clima de festejo e intimidade mesmo que os participantes não se conhecessem muito bem.

Em certo momento, o grupo foi conduzido para momentos de reflexão coletiva. Nos levantamos ao redor da fogueira e nos abraçamos. Laura disse para fecharmos os olhos e iniciou dizendo: “Eu joga na fogueira minhas angústias”, fez-se silêncio por longos minutos, ouvia-se suspiros profundos até que outros tomaram a palavra: “eu joga na fogueira as tristezas do mundo”, Juarez disse, “eu joga na fogueira meus momentos de pessimismo”, outro disse, “eu joga na fogueira o sentimento falso de impotência”. Seguimos de olhos fechados por mais alguns minutos, sentia-se o fogo esquentar as pernas no frio úmido que fazia. Laura sugeriu que respirássemos juntos, ouvia-se os suspiros fortes do coletivo, inspirando e expirando por três vezes.

Abrimos os olhos e ainda em silêncio todos olharam para os rostos de quem estava ao redor, criou-se o clima que o anfitrião parecia desejar. Laura começou a cantar com a voz em tom agudo e em ritmo suave:

Mãe

Eu escuto o seu coração bater

sobre meus pés

E seguia:

He, he, he

Repetiu a estrofe e olhou para os demais convidando-nos a acompanhar:

Mãe

Eu escuto o seu coração bater

sobre meus pés

He, he, he

A noite se estendeu até mais ou menos 3h da manhã quando todos se encaminharam para as barracas ao redor daquele galpão. Na manhã seguinte, despertamos e com prontidão improvisamos

um café da manhã com o que havia sido trazido pelos convidados, havia pães para serem consumidos com pastas de cactos e pasta de grão de bico, além de cereais e iogurte caseiro. Era hora de iniciar os trabalhos.

Alimentados, Juarez chamou todos para fazer uma grande roda, nesse momento já haviam chegado mais participantes que vieram apenas para passar o dia. Na roda, o anfitrião solicitou que déssemos as mãos, fechássemos os olhos e meditássemos por alguns segundos. A performance da colheita se iniciava. Juarez, em tom de voz emocionada, pronunciou discursos de gratidão, afirmou que essa colheita era um encontro de agradecimento, de troca entre a rede de pessoas e coisas que produzem e que consomem aquele arroz. Dizia ele que era um encontro de respeito com a natureza, e que por isso exigia silêncio na lavoura.

Nos encaminhamos para a lavoura. Lá, cinco homens foram escolhidos para usar a foice e cortar a planta, de forma que o restante dos participantes se responsabilizaria com a organização das hastes da planta. Enquanto as tarefas eram divididas por Juarez, ouviam-se cliques de máquinas fotográficas que registravam o momento pelas lentes de alguns participantes. Nesse momento Juarez parou o que estava fazendo: “podem parar, tem muito ruído fora do lugar, aqui nós vamos respeitar a lavoura e escutar o barulho da foice”.

O grupo se mobilizou com a solicitação e no portão da lavoura fizemos um momento de silêncio e reflexão que na sequência foi interrompido com uma milonga suave tocada pelos músicos. Ao entrarmos no campo os trabalhos se iniciaram e Juarez alertou para que escutássemos o som da foice na planta, o silêncio foi respeitado e seguiu-se por aproximadamente 2h. Juarez pediu para que organizássemos as hastes da planta em pequenos conjuntos e amarrássemos elas com umas das hastes de forma que a lavoura fosse desenhada por corredores lineares de arroz colhido com aglomerados da planta em forma de buquê com uma distância de mais ou menos um metro. O desenho que se formava na lavoura delimitava de forma organizada o terreno de trabalho feito, deixando o espaço pronto para o recolhimento dos arranjos da planta.

Ao sair do local da colheita, Juarez puxou um roda, pediu para que os músicos tocassem e dançamos em roda e de mãos dadas como forma de agradecimento ao que foi colhido. Os participantes demonstravam alegria e emoção, se abraçavam e agradeciam por aquele momento. O ritual inventado por Juarez a partir dos seus discursos de gratidão a natureza e de silêncio dentro da lavoura envolveu os participantes, escutar o barulho da foice na imensidão plana da lavoura e colocar



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

as mãos na terra e na planta, proporcionava aos participantes uma sensação até então desconhecida para aquele público majoritariamente urbano. A atribuição das tarefas designadas por Juarez não apenas envolvia os presentes como os colocava no centro da performance da colheita.

Prosseguimos para o almoço e os discursos de agradecimento seguiam, o alimento e a natureza eram elementos centrais nos argumentos de gratidão pela experiência que se vivia ali. Juarez quis mostrar a sua propriedade através de um breve tour e explicar o complexo sistema de produção do arroz. Da lavoura para a secagem, da secagem para o armazenamento e então para a feira e para as mãos do consumidor.

À tarde, o processo da equipe de participantes foi de recolhimento das plantas de arroz para a organização das chamadas medas. As medas são montes em que o grão é organizado junto com as folhas para que seja feita uma secagem natural do grão, de forma lenta e gradual e sem auxílio de tecnologias. Juarez chamou as medas de seres, e, apesar de possuir em sua propriedade tecnologia apropriada para a secagem do arroz, faz questão de construir as medas porque para ele, as medas representam o sucesso da colheita e gosta de vê-las, “como seres que fazem parte da história da família”. Todos juntos montaram os “seres” de Juarez e no pôr do sol daquele domingo a Festa da Colheita se encerrou.



(Foto: da autora, “Medas, os seres de Juarez”, maio de 2016)

Como pontua Lévi-Strauss (2008), a “situação mágica é um fenômeno de consenso”. A analogia à clássica obra do sociólogo francês cabe nesse contexto pela capacidade de envolvimento e



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

sensibilização que os discursos do agricultor ecologista obtiveram junto ao seu grupo de consumidores. As palavras e a performance corporal de Juarez ao anfitriar a festa em sua propriedade, coloca os participantes em uma situação de ouvinte e aprendiz. O anfitrião gesticula de forma lenta, faz pausas longas e reflexivas e demonstra um olhar atento sobre o que observa. Todas as palavras que pronuncia surgem em ritmo pausado, como se pensasse muito sobre o sentido de cada uma delas.

Arrisco comparar a figura do agroecologista com a do xamã. O agroecologista neste caso, tem o poder de dar sentido para a prática do grupo e atribuir o caráter de pureza para o alimento ingerido pelos consumidores que participam do evento. A performance ocorre pela voz do anfitrião que domina a sabedoria agroecológica e explicita a subjetividade ecológica do grupo a partir de dinâmicas construídas conjuntamente e que formatam um ritual de sacralização e exaltação da natureza. O domínio da situação causado pelo encantamento dos discursos, coloca os participantes como centro da performance e motiva o protagonismo de manifestações individuais alinhadas aos sentimentos ecológicos que pertencem ao horizonte imaginativo do coletivo.

Como aponta Lévi-strauss, é a crença do coletivo nos discursos e práticas que tornam a magia eficaz. No caso de Juarez, suas palavras e a variedade de culturas arrozeiras que apresenta em sua lavoura encantam o público que o coloca em uma posição quase profética, mesmo que não manifeste a intenção de sê-lo.

[...] percebe-se que a eficácia da magia implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e por fim, a confiança e as experiências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre os feiticeiros e aqueles que ele enfeitiça. (p.192)

A confiança e o encantamento do público com a sabedoria ecológica de Juarez recorda uma passagem da obra de Lévi-Strauss em que atribui ao coletivo à capacidade mágica do indivíduo. No caso examinado pelo autor, menciona o poder de Quesalid, um xamã iniciado no sistema da crença:

Quesalid não se tornou um grande xamã porque curava seus doentes,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

curava seus doentes porque se tornou um grande xamã. Somos, portanto, levados diretamente ao outro extremo do sistema, isto é, seu polo coletivo. (p.195)

O coletivo, que participa dos acampamentos, manifesta apreço pela ocasião, como se o complexo xamânico (Lévi-Strauss, 2008) já estivesse instaurado. O sentimento de pertencimento aquela comunidade, se inventa em circunstância do evento, instaura-se um ambiente de fácil adesão em que se preza pela harmonia²⁰. Termo este, que se empregada para expressar a “ordem das coisas”, referindo-se à estabilidade da organização do encontro, dos momentos de fala e escuta e das atividades colaborativas.

Caso haja a sensação de que a harmonia é rompida de alguma forma, o anfitrião alerta para que ela se reorganize. A noção de uma harmonia cósmica, da relação entre humanos e não humanos, também é acudida, reforçando nos discursos que é preciso ter respeito com outros seres que compartilham aquele espaço. Juarez possui a habilidade de falar e contar histórias, ao iniciar uma prosa, quase que automaticamente se instaura o silêncio no ambiente. Fala devagar, pausadamente e faz momentos de respiração e de olhar contemplativo. As falas de Juarez emocionam quem as escuta pois transporta sentimentos à natureza, da vida as coisas e relata sua história a partir da relação com o ambiente e as formas como passou a percebê-lo. O trabalho de Ingold (2000) fornece subsídios para pensar a subjetividade construída a partir de uma espécie de fusão entre organismo e ambiente, elementos presentes na concepção de mundo apresentado pelo agricultor ecologista em sua fala e que fazem referência ao conhecimento advindo da intuição e da experiência na terra.

Esse saber proveniente da relação de aprendizagem entre agricultor e terra vão ao encontro da perspectiva do pensador britânico supracitado ao desenvolver reflexões sobre a percepção.

It is knowledge not of a formal, authorized kind, transmissible in contexts outside those of its practical application. On the contrary, it is based in feeling, consisting in the skills, sensitivities and orientations that have developed through long

²⁰

A harmonia é um termo empregado em diferentes contextos, nesse caso, faço uma tradução referente ao evento etnográfico descrito. Contudo, trata de um termo com múltiplas possibilidades de emprego, inclusive para descrever relações entre humanos e não humanos.

experience of conducting one's life in a particular environment.
(INGOLD. 2000 p.25,)

O trabalho de produção agroecológica pode acionar modelos cosmológicos, de acordo com a forma de perceber a natureza e o seu papel na relação com esta. Nos eventos na propriedade foi possível vivenciar alguns momentos de prosa em que Juarez revela essas habilidades adquiridas a partir da sua trajetória. A partir da performance, cria espaços de atenção e reflexão. Em uma ocasião como essa, Juarez apresentou uma fábula²¹, criada por ele, e que remete a ideia de um mito fundador que dá sentido para a prática agroecológica empregada. Tal mito, revela o entendimento cosmológico de perspectivação da natureza e dessa forma justifica seu ofício. A primeira vez que a escutei, a voz mansa de Juarez era acompanhada de uma milonga suave de violão, e prosava:

Existiam então os animas.

Entre esses animais existia aquele que andava sobre dois pés.

De postura ereta, ele queria controlar tudo o que havia ao seu redor.

Então ele cercou a terra para que se tornasse posse.

Para ter também o controle da terra, jogou substâncias tóxicas.

E a natureza chorou.

O fruto das feridas da terra não terão sabor.

E estes que os comem, se tornarão tão frios como as pedras.

(Fragmentos da fábula de Juarez)

A fábula nomeia os vilões, vitimiza a natureza e coloca os ouvintes como protagonistas da mudança. No contexto de pronúncia, as palavras dão sentido para as experiências vividas no acampamento e indubitavelmente ao trabalho do agricultor ecologista, ao alimento produzido e à modalidade de consumo aderida. A sensação dos participantes em perceber a coerência das práticas fecha o ciclo e a eficácia é produzida. Lévi-Strauss, em uma passagem de “A Eficácia Simbólica”

²¹

A definição como “fábula” foi proposta pelo autor da mesma.

(2008), relata a cura xamânica através da construção de um conjunto sistemático que estabelece a relação entre símbolo e coisa simbolizada, ou seja, a cura se dá pois “o xamã fornece à sua paciente uma linguagem” (p.231), assim como os dizeres de Juarez ordenam o sistema que se crê e que condiz com o “apetite ecológico” dos participantes, propensos a determinadas formas de escuta.

A construção do “algo a mais” do “alimento para alma”

O encontro nas terras de Juarez e a celebração ritualística da colheita, sugere reflexões sobre a invenção de um ritual e de uma natureza, refiro-me ao sentido de invenção de Roy Wagner (2010), como processo criativo e como forma de comunicação que nada possui de “falso” ou “fantasioso” mas como um processo de “obviação”(p.240).

Toda expressão dotada de significado, e portanto toda experiência e todo entendimento é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é, para que possamos referir a outros, e ao mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos.

(WAGNER, Roy. p.109)

A invenção de Juarez na performance da colheita é a forma de comunicar um entendimento, e como diz Wagner, “essa coisa um tanto tênue e mal compreendida à qual nos referimos, com otimismo, como “comunicação” só é possível na medida em que associações são compartilhadas” (p.117). Não se trata apenas da invenção de uma festa ou ritual mas justamente da invenção de uma natureza que se exalta e compartilha. O contexto em que a Festa da Colheita se realiza valida o valor atribuído a produção e a ritualização teatralizada por Juarez estabiliza o seu significado. O espetáculo protagonizado por Juarez envolve os participantes e os coloca como responsáveis daquele ambiente, proporcionando um entendimento amplo da sua produção em um curto espaço de tempo. Ao mesmo tempo que Juarez anfitriã e inventa o ritual da colheita, nós, participantes, o inventamos com ele.

Os encontros performados nas propriedades podemos ser pensados enquanto agenciamentos que operam no compartilhamento de ideias e no alinhamento de imaginações sobre a natureza. A eficácia são os novos sentidos e valores atribuídos ao alimento no retorno para casa.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Os eventos são como encontros de consagração por criarem circunstâncias que reúne públicos e envolve pessoas com diferentes trajetórias e aptidões ecológicas. São performances sensibilizadoras e envolventes que desempenham o papel de exaltar maneiras de viver que resignificam a experiência de consumo agroecológico, atribuindo, a partir das vivências ecológicas, novas substâncias que integram o “alimento para alma”.

Bibliografia:

CALLON, Michel. “Qu’est-ce qu’un agencement marchand?”. In: Michel Callon et al. *Sociologie des agencements marchands – Textes choisis* Paris: Presses des Mines, 2013, p. 325-440.

COCHOY, Frank. Another discipline for the market economy: marketing as a performative knowledge and know-how for capitalism. In: Callon, Michel (ed.). **The Laws of the Markets**. Blackwell Publishers: Oxford, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Ed. Perspectivas do Homem. São Paulo. 1991

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris: Gallimard, 1977.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005.

GUIVANT, J. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo ego-trip. *Ambiente & Sociedade*, vol.6 (2), 2003.

GUILLOIN, F. & WILLEQUET, F. Les aliments santé: marché porteur ou bulle marketing? In: Déméter 2003. *Economie et strategies agricoles. Agriculture et Alimentation*. Paris: Armand Colin, 2003.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment Essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres. Routledge, 2000

KARPIK, L. *L’conomie des singularités*. Paris: Gallimard, 2007. 373 p.

KOPYTOFF, Igor. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In: Arjun Appadurai. *A vida social das coisas – as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da UFF, 2000, p. 89-121.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Eficácia Simbólica”. In *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Ambientalização do consumo: alianças entre movimentos ambientalistas e movimentos de defesa dos consumidores. **Paper apresentado no GT1 do III Encontro Nacional da ANPPAS**. Brasília, 2006.

_____. Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental. **XXVI Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, 2008.

ZELIZER, Viviana. "Circuits within Capitalism". In: Victor Nee & Richard Swedberg (eds). *The Economic Sociology of Capitalism*. Princeton, Princeton University Press, 2005